



Palavras-Chave:  
→Empatia  
→Outro  
→Psicologia Analítica

Nathalia Carballeira Pereira <na.carballeira@gmail.com>

- Psicóloga Mestre em Psicologia Clínica - PUC/SP
- Aprimoranda no programa de "Further Education" - Instituto C.G. Jung de Zurique

Durval Luiz de Faria <dl.faria@uol.com.br>

- Doutor em Psicologia Clínica - PUC/SP
- Professor do Programa de Estudos de Pós-graduados em Psicologia Clínica - PUC/SP

## *Empatia e a (Est)Ética na Clínica: um Enfoque Junguiano*

O conceito de empatia recebeu bastante atenção nas últimas décadas e se trata de um tema que envolve aspectos externos e internos, objetivos e subjetivos, cognição e afeto. A partir de um panorama histórico do conceito, e a tentativa de Jung em responder a questão do prazer estético a partir de duas atitudes psicológicas: a empatia e a abstração, faz-se uma reflexão sobre a ética e estética do processo analítico a partir do conceito de empatia<sup>1</sup>.

Desenvolver uma reflexão sobre empatia, é buscar uma intersecção entre o campo dos poetas e dos pesquisadores. A princípio, podem parecer campos distantes, mas não: pesquisar é debruçar-se sobre o novo; é colocar em palavras – com a ajuda de muitos outros – aquilo que não foi dito; é uma busca que nunca cessa; é ter crítica; é abrir portas para o diálogo; é transformar e transformar-se.

É tentar colocar em palavras, uma vivência, um sentimento de comunhão vivido por mim e tantos colegas na prática da clínica psicológica. É falar das fronteiras entre o eu e o outro, e daquilo que nos liga, como seres vivos. A experiência vivencial jamais poderá ser reduzida a qualquer elucidação científica. É como tentar explicar o sentimento unicamente pela razão. Aí jaz um mistério. O mistério de relacionar-se.

No encontro analítico se olha: para o outro em nós e à nossa frente. Percebemos-nos pelas imagens, fantasias, com o corpo e as múltiplas formas de percepção que se constelam nesse encontro. Uma das formas de se perceber é por meio da empatia. A empatia é descrita como o mo(vi)mento que nos conecta ao outro. Sem o outro, não podemos existir. É desse e graças a esse outro que nos sentimos ligados, pertencentes, com a liberdade para poder ser e existir. O que mata o Amor não é o ódio, é a indiferença. Não podemos ser em um lugar em que todos nos são indiferentes. Se formos indiferentes a nós mesmos, tão pouco, temos motivo para existir.

Como terapeutas, sabemos que cada um de nossos pacientes nos toca e nos convida para jornadas em universos completamente singulares e que não necessariamente os amaremos e teremos o mesmo tipo de contato com todos eles. O que este movimento irá produzir ou para onde irá nos conduzir é outro mistério. Até porque o fato de transitar no mundo do outro, não oferece nenhuma qualidade ou julgamento dos conteúdos que ali habitam. Manter uma postura ética, fiel a si e ao outro, é também admitir que muitas vezes devemos renunciar a algumas jornadas. É possível que de forma empática e por amor, não nos relacionemos com determinadas pessoas. Por amor há renúncias e empaticamente também.

O êxito ou fracasso na condução do processo também não se restringe a esse movimento. O consenso de que a empatia é condição para a condução da análise é um denominador comum no campo da pesquisa clínica. A forma como será conduzida e é interpretada já possui outros desdobramentos que variam segundo cada vertente psicológica. No campo da psicologia analítica juntam-se materiais de referência que apontam para um processo imaginativo, cognitivo e afetivo, atuando concomitantemente no fenômeno da empatia, justificando a complexidade do tema e que atua como uma ferramenta terapêutica.

Pela singularidade dos encontros, por mais que estejamos discutindo conceitos e princípios gerais, a prática clínica e o exercício de encontro com o outro permanece criativo e original. Parece que ainda há espaço para originalidade na clínica e a constelação empática implica em um movimento constante de construção e desconstrução. Assim, fica o convite de transitar e fazer pontes sobre o fenômeno que nos liga tanto a um outro, como a nós mesmos.

#### PANORAMA GERAL

O termo Empatia, do grego *emphateia* significa entrar no sentimento, paixão ou ser muito afetado. No início do século XX, o termo foi inicialmente utilizado pelos teóricos da estética, para designar a capacidade de perceber a experiência subjetiva do outro e propagada por autores como Lipps, Brentano e Robert Vischer (Sampaio, Camino e Roazzi, 2009).

A enorme quantidade de material a respeito do tema empatia, endossa a falta de consenso a respeito de seu significado e a diferença entre esse tema e outros termos, em especial, simpatia. Segundo Jahoda (2005) a questão entre a mudança do termo simpatia à empatia tem início nos debates filosóficos

sobre estética na Alemanha do século XIX. Robert Vischer introduziu o conceito de *Einfühlung* em relação à arte. Theodor Lipps estendeu o conceito da arte para ilusões visuais e entendimento interpessoal enquanto Lipps considerava *Einfühlung* como basicamente idêntico à antiga noção de simpatia; Edward Titchener na América acreditava que teria um significado distinto, sendo que cunhou o termo empatia em sua tradução. O objetivo do artigo de Jahoda (2005) é justamente descrever os movimentos que levaram ao atual estado de incerteza nessa esfera entre simpatia e empatia.

O termo simpatia surgiu, aproximadamente, no século XVII em inglês, francês e alemão. Inicialmente, seu significado era amplo referindo-se a algum tipo de afinidade não somente entre pessoas, mas também coisas. O significado psicológico de compartilhar sentimentos com outra pessoa ou ser afetado por seu sofrimento existia em paralelo (JAHODA, 2005).

No século XVIII, os autores entendiam a simpatia simplesmente como herdada (por influências filosóficas de Hume e Smith) e, a partir da segunda metade do século XIX foi questionada, ao ser analisada em um contexto evolucionário, em sua função adaptativa graças à influência de Charles Darwin. (JAHODA, 2005). Quanto às origens do termo empatia, na Alemanha do século XIX havia um vasto interesse em teorias da estética, que começaram com o formalismo abstrato, seguido por um movimento contrário que focalizava o conteúdo, o simbolismo e a emoção. No fim deste século, aqueles que aderiram ao movimento romântico criticavam a abordagem à arte, como árida e vazia, abandonando os conteúdos e os sentimentos que provocava. (JAHODA, 2005)

Neste contexto, no início de 1870, Robert Vischer foi um pioneiro na aplicação do termo *Einfühlung* a aspectos psicológicos na apreciação da arte. Ele usa esse termo em sua dissertação em filosofia, em que escolheu como tema a projeção emotiva (*emotional projection*) ou *Einfühlung*. Tanto Vischer quanto Sigmund Freud reconhecem a influência de Karl Scherner's (1861) em proporcionar uma ideia de fusão direta entre a representação e a forma do objeto. Por isso, segundo Jahoda (2005), é razoável descrever o processo de apreciação estética, concebido por Vischer, como uma projeção do sujeito para o objeto de beleza.

Na psicologia, o primeiro autor a traduzir o termo *Einfühlung* por *empathy* foi Titchener em 1909. Este psicólogo americano defendia que a empatia provinha de uma espécie de imitação física da angústia de outra pessoa, que então evoca em nós os mesmos sentimentos. Para ele, era fundamental distinguir-se empatia de simpatia, uma vez que esta se pode sentir pela atitude geral do outro, sem compartilhar o que a outra pessoa está sentindo.

No início do século XX, Freud e seus discípulos se depararam com os limites de vínculo que os fizeram questionar a eficácia da técnica interpretativa. Diante de casos clínicos em que a dificuldade de vínculo não se enquadrava ao tratamento padrão dos conflitos edipianos, limites são impostos ao método interpretativo que levaram os precursores da psicanálise ao estudo de conceitos e operadores clínicos.

A rigidez psíquica observada em alguns casos é descrita por Freud (1937/1996) em "Análise terminável e interminável" como alterações de ego, termo entendido como uma cicatriz adquirida nos primeiros anos do desenvolvimento infantil cujos mecanismos de defesa foram desenvolvidos a fim de evitar as primeiras situações de perigo, angústia e desprazer são repetidos durante a análise. Nestes casos, durante o trabalho com resistências, o analista é tratado como um estranho, fazendo exigências desagradáveis às quais o paciente não acredita no que ele diz e, diante de tal comportamento, Freud sugere considerar o caso não analisável ou prolongar a duração do tratamento.

Segundo Coelho Júnior e Pimentel (2009), Freud preocupado com a legitimação científica da psicanálise recomenda uma postura na atitude do analista, nos casos em que a análise da transferência não se apresenta, como uma

possibilidade de recurso suficiente para vencer as resistências, cabendo ao analista uma postura mais ativa no processo. Seria, posteriormente, a partir dessa nova proposta metodológica, que Sandor Ferenczi em 1928 introduz como ferramenta para análise o tato psicológico, definido como *Einfühlung*. A *Einfühlung* (empatia) não se consolidou como ferramenta clínica nos vinte anos seguintes, até que Heinz Kohut (1913-1981) propôs uma concepção em que a empatia recebesse um lugar de destaque no qual a associação livre e a análise das resistências são instrumentos auxiliares, empregados a serviço do método introspectivo e empático.

É neste contexto, em meados dos anos vinte do século passado, buscando discutir a grande questão filófica da estética alemã sobre qual seria a fonte do prazer estético e como se dá esse processo, que Jung (2011c) tece no capítulo "O problema das atitudes típicas na estética" seu comentário mais extenso sobre a empatia. As maneiras distintas com as quais a arte e o belo são sentidos são diversas e merecem uma contribuição do campo da psicologia, inclusive na estética, uma vez que "a estética é psicologia aplicada e não lida apenas com o aspecto estético das coisas, mas também - e talvez em grau maior - com a questão psicológica da atitude estética" (JUNG, 2011c, §553). Dessa forma, Jung se propõe a abordar a questão da estética a partir das duas atitudes - opostas e complementares - que seriam a Empatia e a Abstração<sup>2</sup>.

#### A (EST)ÉTICA NA CLÍNICA

O questionamento frente às próprias percepções e a do outro é uma pergunta que atravessa a atuação clínica como um todo, em especial, quando o fenômeno empático trata justamente da percepção de imagens quanto a um estado subjetivo. Seriam essas percepções projeções do próprio analista? Ou traduzem reflexos legítimos de estados subjetivos do paciente? Não se esquecendo de que toda projeção tem seu "gancho", e que, então, mesmo se tratando de uma projeção, isso não invalidaria a imagem ou a emergência daquilo que se constela no analista. Essa é uma pergunta que se mantém sem respostas. Como já nos disse Vanoy Adams (2004) o que interessa ou deveria interessar a um analista junguiano é o modo como os pacientes imaginam o mundo, como suas psiques criam imagens e não se tais imagens estão em conformidade com a assim chamada realidade.

A psique se manifesta por imagens. O trabalho artesanal da terapia conta exclusivamente com essa representação da fantasia que, partilhada e circunscrita por palavras e elucubrações teóricas tenta se aproximar daquilo que mais do que falado, é afetado e sentido, ou seja, o fenômeno da empatia trata-se de uma forma de apoio à percepção, como já descrito por Jung (2011c, §879). A empatia, junto à reflexão e à intuição são descritos pelo próprio Jung como os três pontos de apoio à percepção.

As imagens ao serem percebidas passarão por uma apreciação consciente - seja estética e/ou intelectual. O próprio Jung (2011c) afirma que o ideal seria que tanto os aspectos estéticos quanto intelectuais pudessem conviver mutuamente, mas o que acaba acontecendo é que um dos caminhos se sobrepõe ao outro. Dessa forma, ou o desejo de criar se apodera do objeto às custas de seu significado ou a necessidade de entender se antecipa à necessidade de formular o material. Então, induz-se a força de Eros e Logos diante das imagens e dos conteúdos (internos ou externos). (JUNG, 2011c).

E assim, voltamos às primeiras observações de Jung (2011c) ao propor empatia e abstração como duas atitudes opostas e complementares, em busca da resposta para a pergunta de qual é a atitude que impulsiona o artista à determinada forma. A empatia, portanto, se caracteriza por um movimento que vai ao encontro do objeto - portanto, extrovertido - que supõe que o sujeito anime-o

com sua própria vida, ao depositar nele via projeção conteúdos próprios. Na abstração, se caracterizando por uma atitude introvertida, o sujeito procura fugir da influência do objeto, supondo que ele esteja vivo e ativo.

Dessa forma, a constelação empática supõe um movimento de percepção de imagens emergentes na relação analítica percebida por um dos membros da diáde uma vez que é partilhada. Da mesma forma, o trabalho clínico não deixa de ser para além de uma técnica, uma arte. Para tanto, devemos lembrar também que o imaginal não é meramente imaginário. Ele também existe como realidade subjetiva. É aquele momento súbito em que o subjetivo e o objetivo, o eu e o outro, o pensamento e o sentimento, o corpo e o espírito encontram-se, no qual a comunicação acontece diretamente, espontaneamente. Momento este que a psicologia analítica descreve como o numinoso da função transcendente e aponta-se a constelação empática como uma condição favorável a tal experiência.

Toda percepção é da ordem da estética o que implica, como a própria palavra dentro dela, a ética. O trabalho com as imagens do inconsciente acarreta uma responsabilidade ética que, se não reconhecida, poderá fazer o sujeito ser tomado pelo desejo de poder. Segundo Jaffé, "as imagens do inconsciente impõe ao homem uma pesada obrigação. Sua incompreensão, assim como a falta de sentido da responsabilidade ética, privam a existência de sua totalidade e conferem a muitas vidas individuais um cunho de penosa fragmentação" (1982, p. 171). Para Barreto (2009) é evidente que o envolvimento moral nas experiências que constituem o confronto com o inconsciente ocupa o primeiro plano na concepção terapêutica de Jung, ou seja, a atitude moral é um elemento de cura, mas para além da moralidade, a função moral é expressa como a lealdade a si mesmo. Sobre isso, afirma-se que "para além do âmbito circunscrito de neuroses, é o próprio processo de individuação que se afigura como uma realização moral na perspectiva de Jung" (BARRETO, 2009, p. 96). Então, o campo da análise não é um espaço de aconselhamento moral. A sua dimensão ética significa a exigência de responsabilidade e de compromisso moral com o conhecimento que se produz na sua experiência das imagens do inconsciente. Esse compromisso já supõe uma lealdade a si mesmo, tendo como princípio orientador não a vontade do ego, mas a do Si-mesmo (BARRETO, 2009). Esse confronto ético entre o Eu e o Si-mesmo impõe ao indivíduo dolorosas consequências que são descritas pelo autor como:

Evidentemente, isso (conflito) não significa o cancelamento da socialidade que define essencialmente o ser humano, mas a transformação da relação intersubjetiva para o indivíduo: acirra-se a necessidade agudamente sentida de comunicação em profundidade com o outro, e a construção dessa comunicação aparece como uma exigência constitutiva da própria individuação. [...] Mas ao mesmo tempo experimenta-se a insuficiência dessa comunicação para remediar a solidão mais abissal com que se depara o sujeito na experiência da individuação: assim, abre-se o espaço para a compreensão do sentido humano profundo da experiência religiosa, enquanto experiência do totalmente Outro. (BARRETO, 2009, p. 101)

Com isso, Barreto (2009) se afasta do relativismo entre o bem e o mal para cautelosamente não dar permissão para que, seguindo a sua própria ética, convivamos sobre a primazia dos desejos e vontades individuais (espelhado por sociedades cada vez mais narcísicas) que traduzem as vontades egóicas e não os verdadeiros dilemas entre o ego e as manifestações do Si-mesmo. Esse diálogo entre o coletivo e o individual é um movimento dialético sempre presente, o diálogo entre essas duas esferas é uma das exigências do processo de individuação. Ao mesmo tempo esta é uma comunicação que, segundo Barreto (2009), nos lança a um dos maiores abismos de nossa existência, e lá, nos proporciona a verdadeira possibilidade de encontro com o totalmente Outro.

O contato com as imagens inconscientes acarreta responsabilidades para o indivíduo uma vez que este, ao percebê-las, necessariamente tomará conscientemente uma atitude para com elas. Esta atitude, seja arrogante, cautelosa, empática, é a forma pela qual aquele campo de consciência se relacionará com aquele conteúdo. E, considerando que a clínica é um encontro do que esta emergindo na vida do analisando na companhia do analista, este em especial deve estar consciente de sua dupla responsabilidade com o Outro que o habita e o quem está a sua frente na sala de consulta.

A prática da psicoterapia como uma forma de fazer arte, na clínica junguiana, trabalha na evocação de imagens via contato direto com o material expressivo. Imaginação ativa, sandplay, argila, pinturas e desenhos como mandalas são técnicas expressivas comumente usadas na clínica junguiana. A falta de valor artístico de um desenho espontâneo de um paciente leigo pode ser ínfimo, se comparado a de um artista, mas o valor afetivo e a carga simbólica atribuída àquele material é de extrema relevância. São evocadas imagens, que carregam um valor estético. A diferença seria o diálogo que cada um faz com suas próprias imagens. A atitude simbólica para com esse Outro que é diferente de mim e sou eu.

Uma das formas de se relacionar com esse outro é empaticamente. A constelação empática favorece, justamente, o encontro com este Outro, a partir do qual qualquer imagem pode emergir. É a necessidade de ligação que nos move ao Outro e é justamente por essa via que buscamos, na Vida, de forma discriminada e diferenciada entrar em contato com este Outro que nos habita (*Self*) e ao mesmo tempo e paradoxalmente nos conectando ao Outro como representante do coletivo como sujeitos.

E é a partir deste eixo que proponho uma definição de empatia dentro do campo da psicologia analítica como a capacidade de se obter, por introspecção, *insights* sobre as experiências de outras pessoas e de entendê-las do ponto de vista emocional e cognitivo. Estes *insights* se apresentam na forma de imagens ao sujeito e representam uma maneira de circunscrever o caminho de encontro com o Outro. Já a possibilidade de encontro com este Outro está diretamente atrelada a relação do eixo ego-*Self* que rege e direciona este caminho de relação e diálogo como um representante da totalidade psíquica, e na qual a empatia se manifesta como uma forma ou o contorno para este caminho. Ao mesmo tempo em que uma boa comunicação deste eixo é condição para a constelação da empatia, uma relação de alteridade e Eros também o são e serão apresentadas a seguir.

## EROS E ALTERIDADE NA CLÍNICA

Voltando ao tema da ética, antes de entrar na esfera de Eros e da alteridade, gostaria de relembrar uma passagem particularmente interessante a discussão na qual Von-Franz (1999) ao relatar seu primeiro caso limítrofe e suas tentativas para que a paciente não tivesse um surto psicótico, diz ter escutado de Jung - seu supervisor: "O que a faz ter tanta certeza de que a analisanda não precisa passar por esse lapso?" (p. 267) Para além do desejo de poder, que a própria autora identifica em busca da produção de melhora na paciente, tem-se um exemplo claro da responsabilidade ética do analista. Não podemos nos arrogar a capacidade de saber o que é melhor para a psique do outro e, como ela própria sugere, nos comportar e aceitar a possibilidade de que como analistas estamos oferecendo uma oportunidade que pode ser aceita ou não. E que este apego pela ideia de curar e ajudar o próximo acima de tudo, é uma invasão da vontade do outro.

Com isso, temos neste questionamento uma proposição de atitude do analista: uma relação de alteridade. Uma relação em que um não sabe mais que o outro e deve atentar (como no exemplo) para não ser regido por impulsos de poder ou quaisquer outros impulsos. A humildade para caminhar junto com o paciente e não direcionar-lhe pelo caminho que julga apropriado (como Von-

Franz na tentativa de impedir que a paciente tivesse o lapso psicótico). O respeito pelas experiências do outro e pelas suas próprias imagens.

Sem empatia, não estamos em uma relação desta ordem e, portanto, não é possível que se desenvolva o processo de análise. Ao mesmo tempo, quão estável será a linha para uma tentativa de aproximação genuína que não fique entre um mergulho raso (ou não mergulho) e um mergulho tão profundo a ponto de se perder nas profundezas? Manter o ponto médio entre estes dois extremos é uma tarefa extremamente difícil e que requer que o analista momento a momento permaneça (ou tente) suportar essa posição ambivalente e paradoxal dentro do *setting* para que, no futuro, o próprio paciente seja capaz de suportar e dialogar com essas polaridades em si mesmo.

Byington (2002) propõe o Arquétipo da Alteridade como, justamente, o arquétipo que propicia à consciência o encontro dialético dos opostos e, por meio do qual a elaboração simbólica pode alcançar sua capacidade plena. Ele descreve esta relação como o encontro pleno entre o Eu e o Outro, na forma dialética de oposição e harmonia. Portanto, a constelação da alteridade, é um momento também paradoxal. Sobre isso ele afirma que:

o arquétipo da Alteridade é capaz de expressar a dialética dos opostos com tal riqueza de significados, que pode até mesmo se utilizar da lógica profunda do paradoxo para expressar a verdade. O arquétipo da Alteridade, através da posição dialética da Consciência, opera de acordo com o princípio da sincronicidade e é dominante nas mais altas diferenciações da Consciência humana e da civilização, o que propicia o desenvolvimento da ciência, da arte, do amor, da ecologia, da imunologia, da Psicologia Analítica e da democracia [...] (BYINGTON, 2002, p. 27-28).

Uma vez que o arquétipo da alteridade é aquele que traduz e sustenta a posição paradoxal e dialética dos opostos da psique, é a partir dele que o movimento de diferenciação da consciência se (des)enrola. Operar segundo o princípio da sincronicidade traduz uma relação de eventos acausais, que ocorrem a todo momento, mas que são raramente percebidos pela consciência lhes atribuindo significado. Esses momentos de alteridade, assim como os eventos sincronísticos, tratam das tentativas de construir pontes entre o eu e o não eu, entre o caos e a ordem, entre a consciência e o inconsciente e, em última instância, entre o *Self* e o ego, de tal forma que mesmo opostas essas polaridades se sustentem em uma relação simétrica e de diálogo (alteridade).

Ser capaz de sustentar, sem valorar, a lógica do paradoxo é um exercício que vai na contramão do desejo de soberania do ego, das necessidades narcísicas individuais e que rege o verdadeiro mistério de encontro com o Outro. Em uma relação empática, é justamente necessário que se constele este momento de abertura ao essencialmente incognoscível, para, a partir de um processo imaginal, cognitivo, subjetivo, procurar um contato genuíno com o outro na tentativa de uma interação criativa entre essas duas polaridades.

Esta é a arte da clínica: como já nos disse Hillman (1995), as pessoas procuram terapia para voltar a sentir. Mesmo que muitas vezes o desejo expresso conscientemente seja contrário, a terapia permite que o outro sinta a si mesmo e na relação com o analista, que tem o trabalho diário e constante de imaginar e fantasiar em companhia de um outro, em participar de uma narrativa que agora é partilhada e que está em algum nível relacionado com a experiência do Si-mesmo, em busca de mútua transformação cuja totalidade, segundo Von-Franz (1999) "não pode ser compreendida intelectualmente, mas apenas através do amor" (p. 268).

Esse amor, como nos diz a própria autora, em especial no que tange ao encontro analítico, está relacionado ao *Mysterium Coniunctionis*, que Von-Franz (1999)

coloca como o quarto aspecto da transferência chamado por ela de união predeterminada na eternidade. Para o próprio Jung (2011h) trata-se de um amor que não é de transferência, amizade ou solidariedade comum, é "mais primitivo, mais primitivo, e mais espiritual do que qualquer coisa que possamos descrever". É então que corrobora-se a hipótese de que se trata de uma vinculação regida por Eros Primordial, como movimento de conexão, do encontro, do amor e da fertilidade. Um dos diferenciais da proposta de campo analítico proposto por C. G. Jung (2011f) é justamente o contato intersubjetivo inconsciente recíproco que permite essa experiência subjetiva, de sentir-se conectado nestes dois níveis de relação, a qual, no nível inconsciente tem-se muito mais vivências e experiências do que qualquer prova objetiva deste contato. Esse sentimento de estar em contato e sentir-se ligado a um outro, é justamente a descrição do sentimento de empatia. Ao mesmo tempo, o conceito de empatia e sua discussão teórica são tentativas lógicas de compreensão para uma experiência primária, que começa na ligação fusionada direta e física no corpo de nossas mães e que no plano puramente intelectual não pode ser compreendida.

A consciência de que neste contato com o outro subjaz um mistério, nos serve como referência para a prática clínica diária. Mo(vi)mentos de encontro genuíno, regidos por uma relação de alteridade na constelação empática são necessários e "fundantes" da relação. No entanto, qualquer profunda aproximação pode igualmente cegar os envolvidos. Em oposição a Eros, temos Logos como que promovendo uma ruptura no intangível de Eros no processo, que neste jogo intercambial, promove encontros e desencontros, união e separação, e sustenta o movimento dialético na clínica. O cuidado para não supervalorizar Eros na relação em detrimento de Logos, deve ser ressaltado. Da mesma forma, a escuta e a abertura empática e disponibilidade (supostamente) incondicional do analista para com as imagens do paciente e as suas próprias, se não vinculadas a uma relação de alteridade, não permitem um contato genuíno. Por exemplo, pensando nos primeiros contatos entre mãe e o seu bebê, por mais disponibilidade interna e desejo genuíno e empático de partilhar e compartilhar o mundo deste bebê, sem uma posição de alteridade, esta criança pode se configurar em um adulto com uma expectativa sempre insatisfeita e envolta de culpa por ingratidão. Temos um exemplo comum de fusões "perigosas" que são narradas como movidas por Eros (ex: "te dei todo o meu amor"), mas que retratam um desejo de poder e uma incapacidade de reconhecer o outro como diferente e com os próprios desejos e necessidades, ou seja, a constelação de uma relação empática depende de uma relação de alteridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como analista sugiro a aposta maior de ficar com os valores invisíveis e o valor das invisibilidades. Este artigo percorre a descrição de um dos elementos (pouco seguros) para se criar e entrar em contato com. Entretanto, permanece dentro da mais precisa matéria psicológica a qual Jung nos forneceu uma descrição. Nós somos feitos da mesma matéria que são feitos os nossos sonhos. Percebê-los, construir ou desconstruir sobre isso é um tema de poucos para poucos, no qual trabalham os psicólogos (também os artistas e os loucos).

A necessidade fundamental de relacionamento é a condição de viver e, à luz da psicologia analítica, as formas de intercâmbio emocional são arquetípicas. A forma de integração - ou não - dos múltiplos sistemas motivacionais proporcionam o contorno emocional e as inclinações particulares de cada pessoa. Na prática clínica é fundamental que os analistas desenvolvam "antenas" bem sintonizadas para reconhecer os mecanismos fundamentais dos processos de intercâmbio emocional da relação analítica, e uma das formas de se conectar e de entrar no mundo do paciente é através da empatia.

O foco deste artigo foi o fenômeno da empatia na prática clínica. Este recorte foi necessário, mas outros atravessamentos que ocorrem na relação e mereceriam a atenção de pesquisas futuras como, por exemplo, as interfaces entre a empatia e a intuição do analista; o diálogo entre a neurociência da empatia e a psicologia analítica. ■

## Notas

1. Texto reelaborado a partir da dissertação da autora "Empatia: uma (des)construção teórica e clínica.
2. A proposição destas duas formas básicas é devido à influência de Jung pelo historiador e filósofo da arte alemã Wilhelm Worringer (1881-1965) que faz uma análise da psicologia dos estilos, baseado na integração do conceito de empatia e abstração.

## Referências Bibliográficas

- BARRETO, M.H., A dimensão ética da psicologia analítica: individuação como "realização moral". In: *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, vol. 21, no 01, p. 91-105, 2009.
- COELHO JÚNIOR, N.E. & PIMENTEL, P.K.A., Algumas considerações sobre o uso da empatia em casos e situações limite. In: *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 21, n.2, p- 301-314, 2009.
- HILLMAN & VENTURA. Cem anos de psicoterapia e o mundo está cada vez pior. São Paulo: Summus, 1995.
- JAFFÉ, A. (ed)., C. G. Jung: Memórias, sonhos, reflexões. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1982.
- JAHODA, G., Theodor Lipps and the shift from "sympathy" to "empathy". In: *Journal of the history of the Behavioral Sciences*. Vol 41(2), 151-163, 2005.
- JUNG, C.G., Tipos Psicológicos (OC Vol.VI). Petrópolis: Vozes, 2011c.
- \_\_\_\_\_, Ab-reação, análise dos sonhos e transferência (OC Vol. XVI/2). Petrópolis: Vozes, 2011f.
- \_\_\_\_\_, Estudos sobre a Psicologia Analítica (OC Vol. VII). Petrópolis: Vozes, 2011h
- SAMPAIO, L.R.; CAMINO, C.P.S & ROAZZI, A., Revisão dos Aspectos Conceituais, Teóricos e Metodológicos da Empatia. In: *Revista Psicologia, Ciência e Profissão*. v. 29, n. 2, p.212-227, 2009.
- VANOY ADAMS, M., *The Fantasy Principle: Psychoanalysis of the Imagination*. Hove and New York: Brunner-Routledge, 2004.
- VON-FRANZ, M.L., *Psicoterapia*. São Paulo: Paulus, 1999.